

OS GÊNEROS TEXTUAIS NA SELEÇÃO DE *CORPORA* PARA PESQUISA DIACRÔNICA

Laura Camisassa Rodrigues Lobato*

Introdução

A comunicação é um fenômeno lingüístico socialmente constituído, já que os interlocutores obrigatoriamente se organizam em sociedades. A interação por meio de uma linguagem verbal somente será possível, portanto, se os indivíduos compartilharem de semelhantes habilidades enunciativas, normas que são continuamente convencionadas, ratificadas e adaptadas ao longo da convivência social.

Assim, o conteúdo dos enunciados, a forma e o estilo mais adequados a cada situação comunicativa não constituem escolhas absolutamente individuais. Pelo contrário, essas escolhas se (pré)determinam sócio-historicamente, com base nas relações sociais, nas tradições e nos costumes. As escolhas lingüísticas são, por conseguinte, fortemente influenciadas pelos aspectos culturais permanentemente mutáveis de uma comunidade de falantes.

* Mestranda da UFMG.

Diante da vasta diversidade de situações comunicativas e de paradigmas culturais das sociedades de cada época, a *corpus* a ser selecionado para uma pesquisa diacrônica, isto é, para o estudo de processos de mudança lingüística, deve levar em consideração não apenas a distância temporal entre os textos, mas também os gêneros textuais em que esses textos se enquadram. Essa é a principal questão a ser discutida no presente artigo.

Gêneros textuais

Caracterização dos gêneros textuais

As manifestações discursivas se organizam em textos orais ou escritos que podem ser identificados como pertencentes a diferentes *gêneros textuais*, conforme a função social que exercem. Os gêneros coordenam a atividade comunicativa, conectando a abstração dos discursos a textos materiais, de acordo com a situação sócio-comunicativa.

O clássico trabalho de Bakhtin (2003) postula que a multiplicidade de atividades humanas conduz à variedade de espécies de produções verbais, isto é, de gêneros:

[...] cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (Bakhtin, 2003, p.262, grifos do autor.)¹

Depreende-se, então, que as atividades humanas são práticas sociais que determinam o modo como será realizada a comunicação. O con-

¹ Os “gêneros do discurso” de Bakhtin (2003) equivalem ao que denominamos, neste trabalho, *gêneros textuais*.

teúdo, o estilo e a composição do texto são reflexo dos objetivos e da forma como se organizam as atividades humanas. Assim, cada campo de atividade acaba por instituir suas espécies “relativamente estáveis” de enunciados: os gêneros.

A proposta de Charles Bazerman (2006a, b) retoma o pensamento de Bakhtin: para cada campo de atividade há um conjunto de gêneros típicos, recorrentes e, por isso, facilmente reconhecíveis pelos interlocutores. Esses gêneros funcionam como modelos, padronizações do comportamento lingüístico. “Gêneros não são apenas formas. [...] São *frames* para a ação social.” (Bazerman, 2006b, p.23). As escolhas quanto ao gênero são pautadas nas situações comunicativas e configuram a organização textual de acordo com o modelo, ou seja, com aquilo que é recorrente. A “estabilidade (relativa)” se deve ao fato de o texto ser, para Bazerman, ação social e, como tal, estar sujeito a enquadramentos socialmente definidos.

Logicamente, esses modelos “estáveis” limitam o uso, mas não se deve perder de vista que a padronização, no caso, é apenas “relativa”. Apesar de sua face estável, os gêneros mantêm uma face fluida que os transforma em modelos flexíveis, suscetíveis a evolução através do tempo.

Ao longo da convivência em sociedade e do processo educacional, os indivíduos absorvem uma série valores culturais historicamente construídos dentro de sua comunidade. Bronckart (2006) considera que o indivíduo está plenamente socializado quando dispõe do conjunto de gêneros que circulam em sua comunidade. Assim, o indivíduo é capaz de avaliar a situação comunicativa e julgar qual é o gênero mais adequado àquele momento.

Agir comunicativamente, portanto, implica o conhecimento e o reconhecimento de gêneros. De fato, se consideramos que todo texto encerra pelo menos uma função comunicativa, conclui-se que a produção textual somente se realiza por meio de gêneros. Não se pode conceber a comunicação sem que os interlocutores dominem, pelo menos parcialmente, os gêneros textuais utilizados em sua sociedade. É crucial que eles sejam capazes de escolher qual gênero empregar em cada contexto e o

que esperar em cada situação discursiva. Assim, cria-se uma via de mão dupla, em que o conhecimento e o uso adequado dos gêneros possibilitam a interação social e, em contrapartida, a socialização dos indivíduos ratifica, modifica e adapta os gêneros textuais.

Os gêneros orientam os indivíduos para que eles se comportem de maneiras tipificadas que, quando recorrentes, contribuem para a conformação cultural de uma comunidade. Segundo Bazerman (2006a, p.61), “[...] a tipificação de discursos é um processo fundamental no nosso sentido de onde estamos, o que estamos fazendo e como podemos fazê-lo”. Além disso, atitudes reconhecíveis conduzem a consequências igualmente reconhecíveis, mantendo a ordem social. Conforme Dell’Isola (2007), os gêneros direcionam e estabilizam a comunicação cotidiana e fornecem pistas para a previsão e a compreensão das ações humanas, seja qual for o contexto discursivo.

É importante cuidar para que não se confundam os conceitos de *gênero* e *tipo* textual. No momento da seleção de *corpora*, é decisivo que o pesquisador reconheça a diferença entre os dois conceitos. Em Marcuschi (2002) pode-se depreender que *tipos* são tentativas teóricas de classificação de seqüências dentro de textos, e *gêneros* são modelos funcionais, sócio-comunicativos de produção/recepção de textos:

Usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de construção teórica definida pela *natureza lingüística* de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*.

Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. (Marcuschi, 2002, p.22-23, grifos do autor.)

Qualquer texto, portanto, é formado por seqüências de *tipos* textuais e cumpre, no mínimo, uma função sócio-comunicativa isto é, pertence a um *gênero*². No gênero matéria jornalística pode haver, por exemplo, a narração de um fato, a descrição de uma localidade, etc. Os textos geralmente apresentam heterogeneidade tipológica e, mesmo assim, exercem objetivamente a sua função e se apresentam dentro de um único gênero textual.

Já que os objetivos sociais e comunicativos do texto são determinantes do gênero a que esse texto pertence, a identificação da função de um texto produzido em determinado período histórico poderá sugerir os prováveis critérios pragmáticos que nortearam sua produção. Com base nessas informações, o pesquisador poderá observar com mais propriedade as características formais e funcionais do texto.

Com o passar do tempo, os gêneros surgem, desaparecem, são recuperados ou se modificam, de maneira a se adaptarem a novas necessidades comunicativas. Eles “[...] refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social. Os enunciados e [...] os gêneros discursivos são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem.” (Bakhtin 2003, p.268).

Antes do advento da *internet*, um dos meios habitualmente mais utilizados na comunicação entre amigos eram as cartas. Com a chegada da nova tecnologia, o e-mail ocupou boa parte do espaço outrora dominado pelo gênero “carta pessoal”. A sociedade atual é, de certa forma, definida, delimitada por seus gêneros e estes, por sua vez, somente existem caso a sociedade necessite deles e os viabilize.

Os gêneros e os *corpora*

O estudo da variação e mudança lingüística parte, basicamente, da análise de textos produzidos em diferentes períodos históricos. De acor-

² Neste artigo, não será tratado o hibridismo de gêneros.

do com Vitral (2006), deve-se optar pela maior diversidade possível de gêneros no momento de se coletar o *corpus* de cada período destacado para a análise. A questão levantada pelo autor é o fato de cada gênero textual constituir um ambiente que favorece a ocorrência de certas formas em detrimento de outras, evidenciando a variação e servindo como indicador de possíveis mudanças lingüísticas em processo.

Em se tratando da seleção de *corpora* para pesquisas diacrônicas, o já mencionado caráter evolutivo dos gêneros textuais traz à tona dois aspectos relevantes. O primeiro deles se refere ao repertório de gêneros utilizados em cada época, e o outro diz respeito à função sócio-comunicativa de cada um desses gêneros.

Difícilmente se encontram os mesmos gêneros textuais em épocas distintas. Se um pesquisador se propusesse a estudar, por exemplo, a evolução de um determinado item em “santinhos de candidato”, seria impossível encontrar esse gênero no Brasil no período em que o País esteve sob o governo monárquico de Portugal. Esse gênero só pôde surgir e se cristalizar após a proclamação da República.

O segundo aspecto importante é que o fato de um gênero ser encontrado em diferentes momentos históricos não garante que suas características sócio-comunicativas tenham permanecido idênticas. De acordo com Bazerman (2006b, p.23), “[...] quando viajamos para novos domínios comunicativos, nós construímos nossa percepção sobre eles com base nas formas que conhecemos.” De certo modo, o conhecimento sobre gêneros atuais pode induzir a conclusões enganosas a respeito de textos produzidos no passado. Não se devem encarar os gêneros de um dado momento histórico como se eles exigissem as mesmas condições e cumprissem os mesmos objetivos sociais e comunicativos que os gêneros disponíveis na atualidade, pois as escolhas lingüísticas poderão ter sido, em cada época, influenciadas por critérios diversos. Assim, sob o mesmo rótulo, podem ser encontrados ambientes semânticos diferentes. No momento de seleção de *corpora*, não se deve basear tanto na intuição, pois ela é

[...] formada sob nossos parâmetros de formalidade, sob as concepções de cultura escrita de nossa época [...] não sabemos o que era ser culto no passado, tampouco se o que sentimos como formal fosse, para eles [os informantes de sincronias passadas], informalidade. (Barbosa, 2005, p.27-28)

Um interessante exemplo de que os gêneros são objetos históricos e sociais e que são diferentemente modelados em cada período histórico, é a antiga obra científica denominada *Erário Mineral*. Editado pela primeira vez em Lisboa, em 1735, o livro traz o primeiro conjunto de tratados de medicina escritos em Minas Gerais. Os doze tratados são de autoria do cirurgião-barbeiro Luís Gomes Ferreira e estão fundamentados no exercício da medicina desempenhado por ele em Minas durante aproximadamente vinte anos.

Conforme Silva (2002), o decorrer das práticas comunicativas estabelece rotinas que padronizam a interação, mas que não são inteiramente obrigatórias, já que o mesmo conteúdo pode ser transmitido de diversas formas. É possível, portanto, que um gênero seja modificado gradualmente no transcorrer das gerações mas, ainda assim, mantenha determinadas características. Exemplo disso é que parte da “rotina comunicativa” do gênero *tratado de medicina* é recorrente no século XVIII e na contemporaneidade: em cada tratado, Ferreira³ descreve uma determinada doença, indica suas causas e sintomas, aponta prognósticos e prescreve o tratamento adequado.

Entretanto, uma rápida folheada na obra é suficiente para provocar algum estranhamento em leitores do século XXI. Já na capa do volume, encontra-se a dedicatória do cirurgião “à puríssima e sereníssima Virgem Nossa Senhora da Conceição”⁴, prática comum naquele momento histórico, mas em completo desuso na atualidade.

³ Neste trabalho, citaremos trechos da edição de 2002, organizada pela professora Junia Furtado. O texto original encontra-se na rara edição fac-similada disponível para consulta no Centro de Memória da Faculdade de Medicina da UFMG.

⁴ A edição utilizada apresenta modernizados apenas a grafia e o uso de vírgulas, para facilitar a leitura. Todas as construções sintáticas e escolhas lexicais foram mantidas conforme constam no texto original.

Em seguida, no prólogo, o autor lança mão de termos agressivos contra os leitores, provavelmente como estratégia para se defender previamente de possíveis críticas:

O mais ignorante é o que mais presume, razão por que a tudo se atreve o que mais ignora; por que há de ter ânimo para censurar o que os outros escrevem quem não teve brio, nem aplicação para escrever? [...]

Se nela [nesta obra] achares algum lucro, desconta o mau em satisfação do bom; e, se tudo te parecer inútil, fazes outra melhor e dá louvores a Deus, que repartiu contigo tanto, dando aos outros tão pouco. Ele te guarde. (Ferreira, 2002, p. 185)

Após o prólogo, o leitor depara com uma série de “Licenças do Santo Ofício”. Tanto a dedicatória a figuras sagradas do catolicismo quanto as licenças da Igreja e do rei são recorrentes em obras do século XVIII, por imposição da Inquisição que, em Portugal, foi oficialmente extinta somente em 1821. Até então, o poder da Igreja de censurar e punir hereges era praticamente ilimitado, fato que representava papel decisivo em todas as manifestações lingüísticas e no comportamento social de forma geral.

Encerrando a parte introdutória do *Erário Mineral*, o leitor é surpreendido por uma coletânea de quinze poemas laudatórios, que louvam e enaltecem não apenas a obra, mas também seu autor. De acordo com Muzzi (2002), ainda no século XVIII era comum que os discursos científico e literário mantivessem relações, prática que remonta à Antigüidade Clássica, em que a poesia apresentava vínculo estreito com a vida pública. A autora ressalta que os livros impressos naquele período sempre traziam textos “menores” com a função de dirigir a leitura, evitando a má interpretação por parte de leitores e censores.

Analisando-se os tratados, interessantes aspectos podem ser observados. Segundo o próprio autor, em seu prólogo, a linguagem empregada no *Erário Mineral* não pretende se assemelhar àquela praticada pela ciência da época. Ferreira (2002, p. 184) explica que seu trabalho tem o objetivo de “remediar necessitados” e não o de “satisfazer políticas” e complementa: “[...] como haviam de entender os ignorantes da

Medicina e Cirurgia, se não fossem ensinados com o modo ordinário com que se explica o povo?”

A partir dessa citação, pode-se depreender que, já naquele século, havia a consciência de que leigos não dispunham de saberes suficientes para compreender a linguagem científica e que, para que o público-alvo fosse realmente atingido, os jargões e uma linguagem densa não poderiam ser utilizados.

Diante da necessidade de Ferreira de justificar sua escolha lingüística, pode-se concluir que o gênero *tratado*, já no século XVIII, desfrutava de uma “rotina comunicativa” estabelecida e bem difundida. Caso contrário, sequer ocorreria ao autor a preocupação em explicar os motivos que o levaram a essa escolha. Tomaremos como ilustração trechos do Tratado IX, que se refere aos “resfriamentos”:

Que coisa é resfriamento?

6. A doença a que o vulgo chama resfriamento, e com efeito o é, é uma constipação dos poros de corpo humano e uma quase estagnação, ou constipação, dos humores e circulação deles, parada mais ou menos, o que acontece pelas causas seguintes.

As causas quais são?

7. As causas desta enfermidade podem ser muitas, as quais podem acontecer a quem, estando com o corpo quente ou esquentado, se meter em água fria ou passar algum rio a vau, ou se lançar nele a nadar, ou por desgraça cair nele [...].

Os sinais quais são?

8. Também os sinais desta doença são vários, assim como as causas o são, mas, pela maior parte, são os seguintes: haverá febre, umas vezes grande, outras mais pequena; haverá muito grande preguiça com espreguiçamentos e fastio [...].

Os prognósticos quais são?

9. O doente que estiver resfriado e tiver muitas lombriças, ou estiver esfalfado, ou tiver corrupção-do-bicho, não se lhe acudindo logo com os remédios próprios a qualquer das queixas, são os resfriamentos

quase sempre mortais, [...] e quem se sangrar estando com qualquer casta de resfriamento, morrerá pela maior parte, e, estando estafado ou corrupto, infalivelmente irá para a sepultura em poucos dias [...].

Capítulo I

Como se curam os resfriamentos mais leves

1. Havendo alguns sinais de resfriamento, porque não é preciso que haja todos os que ficam apontados, [...] se curará do modo seguinte:

2. Uma ou duas pencas de gengibre se pise muito bem em um almofariz e, depois de pisado, se lance em uma tigela vidrada, ou tachinho, com aguardente do Reino que cubra a tal massa, e, mexida, dará uma ou duas fervuras a fogo brando que fique uma massa branda, a qual se meterá em um pano ralo, e, atado assim quente se esfregará todo o corpo muito bem esfregado, [...] (Ferreira, 2002, p. 652-654).

Como já foi dito, parte da “rotina comunicativa” do gênero *tratado de medicina* é cumprida no trecho citado. O médico descreve a doença, aponta causas, sintomas, prognósticos e o tratamento. Mas, de fato, a linguagem empregada por Ferreira não se aproxima daquela recorrente nas práticas de linguagem científica. Seria difícil conceber, na atualidade, a publicação de um livro sobre medicina, ainda que destinado a leigos, que apresentasse tal linguagem. E, caso essa publicação viesse a ocorrer, não se poderia esperar aceitação total do trabalho por parte da comunidade científica que, a partir do século XX, passou a ser cada vez mais exigente.

O exemplo do *Erário Mineral* comprova a teoria de Cohen *apud* Bazerman (2006b, p. 26) de que “[...] não só os gêneros mudam, mas aquilo que é considerado como um exemplo de um gênero é historicamente determinado; muda também a forma como os leitores aplicam suas expectativas de gênero.” Certamente, um leitor atual dificilmente esperaria encontrar, sob o rótulo de “tratado de medicina”, um texto como o de Luís Gomes Ferreira.

Conclusão

Um gênero textual resulta de uma série de fatores cognitivos e sociais que direcionam as escolhas lingüísticas do falante. Assim, gêneros di-

ferentes dentro de um mesmo recorte temporal condicionam os usos, tolerando, em maior ou em menor grau, as inovações. Devido a essa característica da produção verbal, a seleção dos textos a serem incluídos no *corpus* de uma pesquisa diacrônica deve ser realizada de maneira consciente com relação aos gêneros a que pertencem esses textos. Romeu (2006), com base no trabalho de Barbosa (1999), acrescenta que

[...] para a construção de *corpora* confiáveis ao estudo lingüístico do português no Brasil, faz-se necessário tanto explicitar o contexto sócio-histórico quanto o contexto de escritura dos textos a serem editados, a fim de expor à comunidade acadêmica uma amostra que seja reflexo expressivo de um dado momento histórico-social (Romeu, 2006, p.820).

Ao “contexto de escritura” correspondem os fatores pragmáticos norteadores da produção: a esfera de circulação dos textos (pública, privada ou particular⁵), a situação comunicativa em que os interlocutores se inserem, o grau de formalidade que o contexto situacional requer, as relações entre emissor e receptor, os objetivos da enunciação, etc. A partir desses parâmetros, os falantes constroem seus textos e os diversos gêneros textuais são desenvolvidos. A produção textual é, necessariamente, espelho de seu contexto de escritura, refletindo os fatores pragmáticos em seus aspectos lingüísticos e na escolha do gênero por parte do produtor. Os gêneros, por sua vez, constituem ambientes lingüísticos específicos e, como tais, podem determinar a ocorrência – ou não-ocorrência – dos fenômenos a serem observados em uma pesquisa. Por isso, o rigor na seleção de textos para a montagem de *corpora* é fundamental.

Diante do exposto, surge a seguinte questão: não sendo possível dispor dos mesmos gêneros textuais em épocas diferentes e, considerando que ainda que isso ocorresse, a função atribuída a esses gêneros pelos

⁵ Barbosa (1999) *apud* Romeu (2006) propõe três esferas de circulação: a pública, que inclui documentos oficiais da administração pública; a privada, que engloba textos redigidos por comerciantes, religiosos, pessoas jurídicas etc., com o objetivo de representar determinada instituição; e a particular, que se refere à esfera doméstica, em que se emitem textos destinados a familiares e amigos, como cartas e bilhetes.

usuários nem sempre seria a mesma, como proceder, então, à coleta de *corpora* para um estudo comparativo entre sincronias passadas e a língua atual?

A solução que se propõe neste artigo é o emprego de uma metodologia que procure reconhecer as funções sociais dos gêneros e, a partir daí, direcionar a seleção dos *corpora* para a pesquisa diacrônica. Devem-se buscar textos que pertençam a gêneros equivalentes, isto é, textos que exerçam/tenham exercido funções sociais equivalentes. Assim, os textos de períodos distintos a serem comparados apresentarão processos semelhantes de produção, objetivos comunicativos equivalentes e, provavelmente, representarão ambientes lingüísticos similares, que condicionarão as escolhas lingüísticas de maneira equivalente.

Assim sendo, os seguintes fatores não poderão, de modo algum, ser ignorados: a função social de cada texto do *corpus*, seus objetivos comunicativos, a esfera de circulação dos textos (pública, privada, ou particular), os possíveis interlocutores e o provável grau de formalidade conferido a cada produção textual.

A partir daí, deve-se buscar o maior número possível de gêneros funcionalmente equivalentes, pois cada gênero representa um ambiente distinto responsável por direcionar as escolhas lingüísticas dos usuários. Além disso, com base na observação de variadas espécies de produção verbal, pode-se ter uma imagem mais completa e detalhada da cultura, das atividades realizadas em uma sociedade e de suas possibilidades lingüísticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. “Os gêneros do discurso”. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp.261-306.

BARBOSA, Afrânio G. “Tratamento dos corpora de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e lingüísticos”. In: LOPES, Célia Regina S. (org.). *A norma brasileira em construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: FA-PERJ/UFRJ, 2005, pp. 25-43.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006a.

BAZERMAN, Charles. *Gênero, Agência e Escrita*. São Paulo: Cortez, 2006b.

BRONCKART, J. P. *Atividades de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

DELL'ISOLA, R. L. P. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FERREIRA, L. G. “Erário Mineral”. In: FURTADO, Júnia F. (org.). *Erário Mineral* Coleção Mineiriana. Série Clássicos. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro & Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

MARCUSCHI, L. A. “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”. In: DIONÍSIO, MACHADO e BEZERRA (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, pp. 19-36.

MUZZI, E.S. “Ouro, poesia e medicina: os poemas introdutórios ao Erário Mineral”. In: FURTADO, Júnia F. (Org.). *Erário Mineral*. Coleção Mineiriana. Série Clássicos. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro & Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002, pp. 31-43.

ROMEU, Márcia C. B. “Edição de cartas setecentistas e oitocentistas”. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Norma (orgs.). *Encontro do Projeto Para a História do Português Brasileiro*, 2004. *PHPB: novos dados, novas análises*. v. VI, t. II. Salvador: Editora da UFBA, 2006, pp.819-844.

SILVA, J.Q. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2002.

VITRAL, L.T. “O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização”. *Scripta* 18, v.9, Belo Horizonte: Editora PUC Minas, pp. 149-177, 2006.

Resumo:

A pesquisa diacrônica da linguagem é basicamente construída a partir de documentos escritos. É necessário, portanto, que o pesquisador selecione um conjunto de textos que sirvam como amostra da língua utilizada em um determinado período histórico. Por serem praticamente ilimitadas as possibilidades de ação em sociedade, as comunidades dispõem, a cada tempo, de um vastíssimo repertório de gêneros textuais, que acabam por direcionar as escolhas lingüísticas dos falantes. Devido a isso, o *corpus* a ser analisado em uma pesquisa diacrônica não deve ser constituído por documentos recolhidos aleatoriamente; deve, ao contrário, levar em consideração os gêneros textuais em que esses textos se enquadram. Este artigo pretende evidenciar um importante aspecto metodológico da pesquisa diacrônica: a necessidade de se observar, com mais critério, a função sócio-comunicativa de um texto em sua época.

Abstract:

Diachronic research on language is basically based on written documents. It is necessary, then, that researchers select a set of texts which serve as a sample of the language in use during a certain period of time. As possibilities of action in society are practically limitless, communities are provided, in any time, by a vast repertoire of genres that end up directing speakers' linguistics choices. Due to that, the *corpus* to be analyzed in a diachronic research cannot be a collection of documents chosen randomly; it must, on the contrary, take into consideration the texts genres in which those texts fit. The aim of this paper is to highlight an important methodological aspect of diachronic research: the need to observe more strictly the social-communicative function of a text in its period of time.

Palavras-chave: gêneros textuais; *corpus*; diacronia.

Keywords: genre; *corpus*; diachrony.